



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

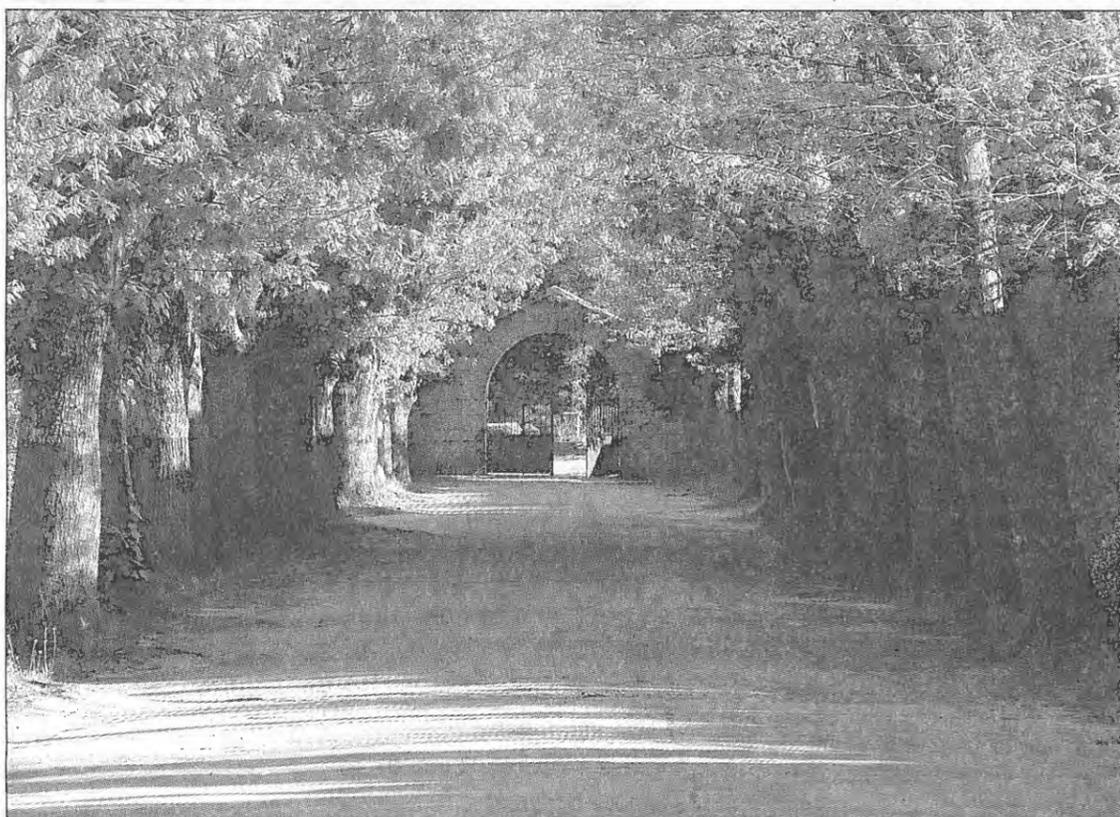
Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

28 de Abril de 2007 • Ano LXIV • N.º 1647

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Galato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



No caminho de Emaús

Foi uma espécie de visita pascal, esta nossa ida por aí abaixo. Nem sempre experimentámos o cheiro do rosmaninho, nem contemplámos o «maravilhoso» da esteva florida, de perder a vista e o coração...

Parámos em S. Pedro do Sul. Lá, estava a passar algum tempo de convivência familiar o M. Ângelo que há mais de meia dúzia de anos conosco, não via a sua família de sangue já que, a de afecto nos tornámos nós a sua.

A ausência daquela, por longo tempo demais, reconhecemo-lo, semeou nele a desmotivação face à vida, à escola e ao seu futuro.

O vazio espregueira sempre os corações mais frágeis e as vidas mais desprotegidas. Assim é que, todas as estratégias são de considerar, na difícil arte de educar.

Propusemos-lhe, nós, essa visita, correndo o risco de ser uma opção não bem sucedida. Mal tínhamos chegado e ele: «Foge, isto é tudo podre... volto já consigo». O coração das nossas Beiras, de facto, esconde tanto abandono, pobreza e solidão. Não admira que o rapaz, habituado ao ar puro da nossa Aldeia e ao ambiente afectivo envolvente, tenha desabafado «isto é tudo podre...»

Apesar de tudo, agora, vimo-lo rendido à desorganização do meio. Conversámos, avaliámos e ficámos a temer pelo seu regresso. Vamos estar atentos.

O J. Paulo foi e veio... Quantas vezes já, meu Deus! Que não queria estar cá, disse para quem quis ouvir e até autoridades o sabem. Queria ir trabalhar... Mas cá, como por lá, a escola é o seu verdadeiro lugar de trabalho que ele pôs de parte elevando a estatística do abandono escolar. Dezassete anos tão verdes, ainda!

Ao regressar, os chefes seus irmãos mais velhos, rodearam-no de atenção e de avisos... Grossas lágrimas rolaram pela cara abaixo quando lhe disseram do bem que disfruto e que todos lhe querem...

Neste seu deambular levou consigo uma pequena economia sua, cerca de 1.500 euros que disse ter entregue à mãe para a ajudar nas suas dificuldades...

Depois de termos aceite acolhimento em casa dos nossos Victor («Almas») e Pedrito, nas «alturas» da Guarda, descemos para Proença-a-Nova

Continua na página 4

A Obra da Rua

Os padres que a receberam à morte do Fundador e os que entretanto se lhes juntaram, franzinos para tamanha responsabilidade, nove anos depois desta data que Pai Américo classificou de nascimento — «a minha Obra começa quando eu morrer» — tiveram dos seus Prelados e dos dois de Angola, em cujas dioceses já serviam, a graça de um documento que aprovava as suas *Normas de Vida* — a *Regra* dos padres da rua e *carta constitucional* da Obra.

Não me lembro de ter sido dado à estampa este texto para nós tão importante porque nos «fixa na figura jurídica de padres diocesanos em missão especial, não só pela *matéria* que a sociedade lhes entrega e pela *forma* de 'povo de Deus' em 'Igreja ordinária' que lhe devem dar, mas especialmente pelo testemunho directo de Igreja que são para o nosso mundo», segundo a palavra definidora que o Senhor D. António Ferreira Gomes então nos dirigiu do seu exílio.

E por isso mesmo que tão importante para nós este texto, também o é para os que nos querem bem, para que possam conhecer-nos melhor. Ei-lo:

«No dia 16 de Julho, três dias antes da data em que a Igreja celebra a festa litúrgica de S. Vicente de Paulo, o Apóstolo dos Pobres e o restaurador da vida eclesial da França do século XVII, ocorre o aniversário da morte do Padre Américo.

A sua passagem pelo mundo foi labareda que lhe queimou o coração no amor dos Pobres e que despertou na alma de muitos, desde a Metrópole ao Ultramar, a inquietante preocupação dos outros.

Só Deus sabe quantos — sacerdotes, religiosos e leigos — encontraram no seu exemplo, nas suas palavras ou nos seus escritos, a revelação ou o estímulo da autêntica caridade cristã.

Para empregar uma expressão bíblica que o Concílio consagrou, pode dizer-se que o Padre Américo tinha o 'carisma' da evangelização dos Pobres.

Estes souberam retribuir-lhe na morte a dedicação que lhes consagrou na vida. O Porto e o País inteiro jamais esquecerão o espectáculo ao mesmo tempo doloroso e triunfal (se é lícito empregar aqui tal palavra) que foi o cortejo que o acompanhou à sepultura.

Durante anos inteiros, primeiro em Coimbra e depois em Paço de Sousa e mais ou menos por todo o País, ele foi o 'recoiveiro' dos Pobres, visitando-os nas suas casas, atendendo-os

Continua na página 3

Setúbal

O trigo e o joio

MERGULHAMOS nesta imensa seara onde o trigo e o joio crescem lado a lado, não temos possibilidade de a deixarmos em pousio e usufruirmos de algum descanso que esta situação permitiria.

A seara está constantemente a necessitar de cuidados e a produzir, ora o trigo que anima e alegria o coração do agricultor, ora o joio que entristece e perturba o ânimo de quem a cultiva.

À vontade de arrancar o joio que aparece, quem vem contrariar os esforços de quem trabalha a seara, sobre-

põe-se a palavra do Dono da seara que manda deixá-lo crescer juntamente com o trigo. Só no final, na colheita, serão ambos ceifados, separados e orientados cada qual para o fim a que se destinam: o trigo irá para o celeiro, e o joio, enfeitado, para ser queimado.

Entretanto, ambos beneficiam dos mesmos meios e cuidados. Ambos ocupam a terra que dá condições para que cresçam e produzam, um o fruto das boas obras e o outro os frutos da ignorância.

Se o Dono da seara não fosse justo, o agricultor desanimaria e desistiria

dos cuidados com a seara que tem em mãos. É que nos tempos que lhe são dados viver, muita força é dada ao joio que cresce na seara, convencendo-o que o seu fruto é mais apetitoso e actual, enquanto o do trigo não alegria senão os pobres e os simples.

O trigo com tudo isto perturba-se e cala-se tantas vezes ao ver a força do joio e a apreciação em que é tido. O agricultor, por sua vez, chora a sua seara enquanto espera que as suas lágrimas sejam fermento que lhe dê uma vida nova. Ele sabe que não há pão sem trabalho e paz e sem cruz e ressurreição.

Esta é a transformação que o agricultor espera aconteça na sua seara, enquanto nela mantém a dedicação da sua vida, velando e zelando pelas plantas que crescem ao seu cuidado.

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

TEMPO DE REVISÃO E... DE ESPERANÇA — É parte de uma nota do Vicentino Manuel Carvas Guedes:

«Estamos em plena Quaresma/2007. Tempo novo e propício à introspecção, analisando o que somos e o que não temos sido. Tempo por isso de revisão. Revisão de procedimentos, de projectos, de gestos... Revisão da atitude perante a vida, que o Criador nos destinou, e perante as vicissitudes e obstáculos que vamos gerando e criando aos outros. Tempo de sermos diferentes, renovando o que não temos sido e melhorando o que pretendemos ser.

Tempo também de sermos gratos. Desde logo à vida que gravita em cada um de nós, preservando-a e enriquecendo-a segundo o Espírito. Gratidão também para com o meio que nos rodeia, que constitui o microcosmos da nossa existência terrena e que, não raro, sofre pelo que não temos sabido ser, enquanto habitantes da 'casa comum', cuja natureza renova, apesar da nossa indiferença. Gratidão ainda para com os nossos irmãos, no serviço e no ideal e para com todos os que conosco formam os caminhos e as encruzilhadas da vida. Gratidão!

Neste enquadramento espiritual, ocorre na nossa Diocese do Porto um importante acontecimento, que nós não queremos dissociar do espírito desta Quaresma que estamos a viver: um Bispo que sai por dever cumprido,

outro que entra, com tudo o que manifesta de expectativa e de esperança...»

QUINTA-FEIRA SANTA — Naquele tempo, Pai Américo acolhia aqui, neste Dia, em nossa Capela, os Pobres de Paço de Sousa. Para Ele, e para nós, era uma celebração de muita celebridade. E um jantar.

Conosco estiveram doze Pobres e, também, alguns dos nossos vicentinos.

A maior parte dos carenciados, pessoas idosas. E alguns vicentinos da nossa Conferência.

Mantemos esta forma, nesse Dia, que Pai Américo tanto gostaria de estar com os que mais desejava, como sacerdote dos Pobres.

PARTILHA — Assinante 73794, 40 euros. «É muito pouquinho, mas com vontade para ajudar os Pobres, mesmo que seja só para pouca coisa. Seja um desconto dos meus pecados e pela conversão da minha família».

Do Porto, por intermédio dum Banco, mil euros «para os Pobres».

Vem lá, agora, a Assinante 5963, de Paço de Arcos, setecentos euros «partilha habitual, saudações fraternas e Santa Páscoa». Uma Senhora que nos manda quanto acha bem. Há muito tempo.

De Rio Tinto, o Assinante 63290 «pequena contribuição para a vossa Conferência. Aproveito a ocasião de vos dar 25 euros. Não enviem recibo. Assinalem simplesmente a recepção no vosso Jornal. E bem-haja».

Obviamente, tudo o que chegou é pouco, que os nossos Pobres agradecem.

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VIA SACRA — Realizou-se na Sexta-Feira Santa a nossa Via-sacra que, este ano, teve uma interpretação diferente.

Dirigida pelo Pedro («Bonga»), realizámos o caminho de Cristo a partir do portão da nossa Aldeia. Coube ao Dimas fazer o papel de Jesus, no qual esteve absolutamente brilhante.

A celebração terminou na nossa Capela.

FOLARES — Infelizmente este ano não podemos confeccionar os folares em nossa casa devido a problemas na massadeira industrial. Agradecemos, desde já, aos nossos Amigos que nos queiram ajudar a resolver este problema.

Hugo Cruz

ANIMAIS — Há alguns meses fomos oferecida uma quantidade de trutas que colocámos nos nossos tanques. Num deles, pouco tempo depois, os peixes morreram porque o sítio não era o melhor. Noutro, os peixes aguentaram-se, mas alguns rapazes deram-lhes ração das vacas e começaram a morrer também. Então, o Zé Reis, o Almeida e o Pedro, retiraram os sobreviventes e colocaram-nos em outro tanque, situado junto à piscina, com água corrente e melhores condições. Agora, as trutas cresceram e são saudáveis. Estão gordas e grandes, até hoje ainda não nos morreu mais nenhuma.

ESCOLA — Acabaram as férias da Páscoa e recomeçaram as aulas. O segundo período não foi famoso, para alguns. Agora, no terceiro, é necessário maior concentração e empenho para que consigam transitar de ano.

Zé Reis

DESPORTO — Soma e segue! Assim tem acontecido com o nosso Grupo Desportivo. Desta vez, recebemos em nossa casa a Associação Juvenil da Quinta do Cabo (Lousada), em jogo da segunda volta. Já em casa deles não tinha sido fácil, apesar de termos ganho. E neste jogo, os nossos rapazes voltaram a fazer questão de não deixarem ficar os seus créditos por mãos alheias. Mas continuo a dizer: quando se vê um jogador a preocupar-se com o trabalho do árbitro, e não com o seu, sinal de que não está interessado em jogar a bola, ou não está em condições de o fazer por qualquer incapacidade...!

Com golos de «Bolinhas» (1), Patrick (1), Ilídio (1), Rogério (1), R. Filipe (2) e Russo (1), contra dois da Quinta do Cabo, assim ficou mais um jogo, para a história do futebol desta casa.

Uma semana depois, recebemos os Juniores do S. C. Canidelo (Gaia), que ficaram classificados nos lugares cimeiros do campeonato da A. F. Porto. Um jogo bem disputado de parte a parte, mas com alguma superioridade da equipa da casa. Logo aos cinco minutos, de livre, «Bolinhas» faz o primeiro golo de uma série de cinco, sendo os protagonistas dos restantes: Rogério, Patrick, Gil e Agostinho, contra três do visitante, tendo sido o primeiro de grande penalidade;

o segundo, um senhor golo, apontado por um atleta que estava completamente à-vontade, à entrada da nossa grande área; e o terceiro, foi daqueles sem pés nem cabeça, com os nossos jogadores a olhar para o «balão», como diz o «zé povo». Estamos «fartos» de dizer que dentro das quatro linhas é para jogar a bola, e não para vender «banha da cobra». Enfim! Quando as pessoas não são capazes de ter calma e deitarem mais sentido ao que se diz, o resultado do desafio é que paga, com o avolumar dos golos do «adversário». Falar e chutar mais alto dentro das quatro linhas, não quer dizer que venha a ser o melhor em campo. Não. Pelo contrário! Demonstra não saber mais e que lentamente vai cedendo o seu lugar. Treinador só um, e dentro do campo, não está nenhum!

Como não há duas sem três, aqui está mais uma vitória. Foi a vez de recebermos os Juniores do Sport Clube de Montezelo, também da A. F. Porto. Começamos por sofrer o primeiro golo. Os rapazes de Montezelo tinham a lição bem estudada, e vinham dispostos a «partir a loiça toda». Francamente, já a algum tempo não via uma equipa a trocar tão bem a bola. Não foi fácil, aos nossos rapazes, apanhar «o fio à meada». Por vezes, gostam de fazer como os vermelhos da segunda circular: correr atrás do prejuízo. E eu não gosto! Um jogo de futebol começa logo a partir do primeiro minuto. O certo, é que depois de estamos em desvantagem, acordamos, e com golos de Serafim (1), Ilídio (2) — o raçudo, e Agostinho (1) — o relâmpago, lá conseguimos levar a «água ao nosso moinho».

AGRADECIMENTO — Tem sido realmente, uma falha da nossa parte, mas desta vez, não passa em branco. Queremos que fique registado neste espaço: o carinho, a boa-vontade e a dedicação com que o senhor Francisco e Esposa, nos tem feito chegar às mãos, material desportivo, em geral, mas sobretudo chuteiras, que tem dado para pôr os nossos rapazes a marcar golos, com elas a ensinar o caminho da baliza. Bem hajam e nunca se esqueçam de nós! Quem tem amigos não morre na cadeia, como diz o ditado, e nós temos tantos, meu Deus!

Alberto («Resende»)

Setúbal

VACARIA — Alguns dos nossos rapazes andaram a tratar do arranjo das camas das vacas leiteiras, pois estas já não se apresentavam em condições para o nosso gado se deitar nelas. Este ano, as nossas vacas têm tido muitos bezerritos. Estamos à espera que em breve uma delas que está na maternidade em observação dê à luz. A produção do nosso leite tem sido boa.

ESCOLA — Começou agora o terceiro e último período, e como já se sabe as notas do período anterior não foram muito famosas, pois os nossos rapazes andaram muito preguiçosos e alguns deles ficaram com o ano em risco. Por isso, neste período, que começou, os rapazes têm que se esforçar para poderem passar de ano. Esperamos que os nossos rapazes tenham um pouco de juízo e se empenhem mais e se esforcem.

CAMPO AGRÍCOLA — Andámos a cortar a cevada para o nosso gado. Também, a tratar da horta para se poder plantar, lá, algumas hortaliças tais como couves, nabos, etc. A Dona «Fatinha» foi ver as nossas ervilhas. O «Lagarto» andou a dar química às favas para matar o piolho e nas nossas árvores de fruto mais novas, tais como pessegueiros e macieiras. O «Ceguinho» tem andado com a nossa camioneta a carregar umas carradas de adubo para a próxima cultura de milho.

RETIRO — Os nossos rapazes nestas férias que passaram da Páscoa, estiveram três dias de retiro na nossa Casa de Férias, na Arrábida. Este Retiro serviu para se prepararem para a Páscoa e principalmente para lhes abrir os olhos e darem mais importância à escola e também para terem consciência que a vida cada vez está mais difícil nos dias que correm.

Gualberto

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Tem sido difícil que o nosso trabalho dê frutos junto desta família. A mulher é doente e todos os dias tem que tomar os medicamentos para a cabeça, quando não tem dinheiro para os comprar deixa de os tomar e as coisas complicam-se, mãe de quatro filhos, dois de cada homem, este último assumiu o compromisso de pai e chefe de família, era motorista e por problemas de saúde deixa o emprego. As nossas idas lá são sempre uma incógnita, são berros, discussões, ameaças um ao outro. Recebemos num mesmo dia dois telefonemas, um da mãe, outro da filha de dezasseis anos aflitas porque ela se tinha zangado com o homem e pô-lo fora de casa, o senhorio também lhe

mostrava a conta. Por causa dos filhos, procurámos junto da assistente social ajuda, mas ficou tudo na mesma. Perguntámos a esta mãe se conseguiu falar com a assistente social da sua área. Resposta imediata: «Assistente Social não, senhora doutora. Contei-lhe a minha vida, a renda que não podia pagar e que ia mudar para uma casa mais barata, ela também achou bem que mudasse, mas até agora não me disse mais nada». Dias depois aparecemos lá e fomos recebidos com um sorriso e uma alegria que não estávamos habituados. O seu Zé voltou para casa e arranjou emprego, fez questão de nos mostrar a sua casa nova, se estavam mal antes, agora estão piores. Há dias recebemos um telefonema a chorar, «o meu homem vai ficar sem emprego, um carro ligeiro fez uma manobra mal feita e bateu no carro do Zé, o condutor assumiu logo a culpa, mas o Zé verificou que a carta dele tinha caducado e os miúdos riscaram-lhe a carta, já foi à escola de condução e querem mais de 600 euros, não sei o que fazer da minha vida». Agora somos nós que estamos preocupados para pagar à escola de condução que já está a tratar de tudo, não temos esta importância e o Zé não pode perder este emprego. Temos os olhos na Providência.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Para ajuda da viúva com filho deficiente e da avó. Amigo, de Venda-Nova. Anónimo, da Rua Domingues Pinto Brandão, para a Conferência S. Francisco de Assis. Anónima, de Esmoriz, «af vai mais uma gotinha para ajudar». Anónimo, da Rua Engenheiro Carlos Amarante, Porto. Entregue no Lar do Gaiato, Rua D. João IV, 682. D. Fernanda, já foi distribuído o que nos mandou, mãe e filha ficaram contentes.

Bem-haja a todos pela ajuda que nos dão.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Adelaide e José Alves

De cartas

«Como todos os anos, junto um cheque para pagamento d'O GAIATO, jornal que entra em nossa casa como uma lufada de ar fresco. Bem escrito, chega ao coração com as nossas preocupações e alegrias.

Que Deus continue a abençoar a vossa Obra.

Assinante 51725».

«Recebo O GAIATO e costume lê-lo, embora, às vezes, à pressa e por cima do ramo, porque o tempo...

Hoje ao lê-lo, topei com a declaração dos Antigos Gaiatos... Gostei! (...) E como já não sei há quanto tempo para aí me lembro, aproveito para lhes mandar esse papelito que junto.

Que seja em desconto das minhas faltas. E que o Senhor os ajude a ir sempre em frente!

Assinante 6973».

«Espero sempre ansiosamente pelo 'nosso' jornal. Ainda que o correio o entregue em conjunto com outras revistas católicas, que também assino, é o jornal — com aparência de fora de moda, esquecido no tempo, a preto e branco, quatro singelas páginas — que leio para gáudio de minha alma e tranquilidade do meu corpo.

Aqui envio, em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, uma pequena importância, em cheque, para ajudar a acudir às vossas mais prementes necessidades, não esquecendo as Casas de África, que também trago no coração.

Assinante 75292».

A Obra da Rua

Continuação da página 1

nas suas necessidades, tomando à sua conta as crianças sem família ou em perigo moral.

Na educação das crianças o Padre Américo foi um pedagogo que honra a gloriosa tradição da Igreja nesta matéria.

Nele o amor e a intuição levaram-no a descobrir o que noutros seria fruto da reflexão e do esforço. O carácter educativo do trabalho, a importância do espírito de iniciativa e do auto-governo (quando deixado à idade e à capacidade do educando), o sentido de responsabilidade, a promoção dos valores humanos e a selecção dos que se revelam mais capazes — tudo isto, realizado de uma maneira extremamente simples e animado por uma esclarecida formação religiosa, que não se impõe de fora, mas vai ao encontro dos apelos espontâneos mais ou menos latentes na alma dos jovens, fez do Padre Américo um grande mestre da pedagogia cristã.

Não é de esquecer a obra do doente incurável à qual ele deu o nome significativo de 'Calvário'. Um doente nestas circunstâncias corre o risco de ser considerado e de se considerar a si mesmo (se está em condições de o fazer) um ser inútil ao mundo.

O Padre Américo teve a intuição do valor do sofrimento sem esperança. Este é, para quem tem de o sofrer, um apelo e como que uma exigência de um outro mundo, onde possam ser compensadas as desigualdades e as angústias sem remédio que existem neste; e, para quem tem de o cuidar, o convite a um acto de fé permanente na presença de Jesus, escondido no corpo do doente incurável. Toda a compreensão humana se encontra arredada desta tarefa. Por isso a obra do 'Calvário' constitui a expressão mais pura da fé do Padre Américo e dos seus continuadores.

Nunca o Padre Américo, no trabalho de amparo e socorro aos Pobres, quis fazer obra que fosse 'sua'. Ele sabia-se um Sacerdote da Igreja, inserido na Igreja, servindo em nome da Igreja.

Nas horas mais importantes da sua missão de bem-fazer, com admirável espírito de fé, ele procurava a palavra de ordem da Igreja — e a Igreja era primariamente o seu Bispo. Não foi só nos escritos que ele repetia a palavra de Santo Inácio: *Nihil sine Episcopo*; foi, antes de mais, nas suas atitudes e nos seus gestos.

Daí lhe vinha a 'segurança' e a autenticidade do seu apostolado.

Este é o selo das obras que não morrem.

A 'Obra da Rua' continua viva depois da morte do seu Fundador.

A evangelização dos Pobres, designadamente da criança abandonada, que o Espírito Santo lhe inspirou como sua missão específica, apaixonou, a exemplo seu, muitas almas de Seminaristas e Sacerdotes.

Mesmo daqueles que não puderam segui-lo, porque destinados pelos seus Bispos a outras tarefas, ganharam com o seu contacto e com a leitura desse Jornal, único no género, que se chama 'O Gaiato'.

Mas alguns puderam segui-lo mais de perto, e, depois da morte, tomaram nas mãos, fiéis ao espírito do Fundador, a herança transmitida. São Sacerdotes diocesanos, que, sem deixarem de estar incardinados nas suas Dioceses e continuando unidos pelos laços de obediência e caridade aos seus Bispos, receberam a específica missão de evangelização dos Pobres. Por eles a Igreja quer estar presente no mundo dos nossos irmãos 'mais caídos e mais abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável'.

A esta missão deu o Fundador o nome de 'Obra da Rua', a qual tem personalidade jurídica no foro canónico e civil.

Os sacerdotes que, com permissão dos respectivos Prelados e seguindo o chamamento especial de Deus, se encontram ao serviço da 'Obra da Rua' constituem uma família, ligada entre si pelos laços da caridade fraterna e pelo objectivo comum que constituiu a vocação específica do Fundador. Porém, para mais facilmente atingirem o fim a que foram chamados, elegem entre eles o seu Superior, a quem ficam vinculados pela virtude, embora não pelo voto, de obediência.

O Superior legitimamente eleito é confirmado pelo Ordinário do lugar onde se encontra a Casa-Mãe.

Os Sacerdotes que trabalham na 'Obra da Rua' orientam-se por alguns princípios: antes de mais, por aqueles que se encontram consignados nas páginas do Evangelho e os que a sabedoria da Igreja daqueles deduziu.

Dada, porém, a sua missão específica, regem-se também, no exercício desta, por normas que foram colhidas no contacto pessoal e na meditação dos escritos do Fundador, tendo muitas dessas normas a própria redacção literal dele.

Pelo presente documento, como Ordinário do lugar a cuja jurisdição pertencem os actuais 'Padres da Rua', aprovamos e abençoamos essas normas, a título de experiência.

Qualquer modificação que esta venha a aconselhar, ser-nos-á antecipadamente proposta para a devida aprovação.

Fátima, 3 de Julho de 1965.»

Padre Carlos

DOCTRINA



Somos uma família para os sem-família

A GORA que temos as instalações da nossa Aldeia prestes a terminar, importa ver como havemos de tirar da quinta um maior rendimento e do gado mais proveito. Não se diga que temos andado de vagar ou começado pelo fim. Não temos não senhor. À primeira responde-se que em Maio de 1943, no local onde hoje se levantam onze edifícios, eram silvas e codeços. À segunda, que só depois de instalar duzentos rapazes é que vamos tratar do gado. Acho que temos dado a cada coisa o seu lugar. Como se tem dito n' O GAIATO muitas vezes, em «Isto é a Casa do Gaiato», nós temos gado. Temos muito gado; ele bois, ele vacas, ele ovelhas, ele um carneiro, ele, com sua licença, muitos porcos. As instalações são o que há de mais primitivo; e quanto a aproveitar estrumes, o que há de mais rotineiro. Ora nós pretendemos arejar. Arejar os gados. Arejar as ideias. Ameigar a terra. Dar-lhe para que ela nos dê. Aqui, como na ordem moral, quem não semeia não colhe. Mas há mais. Não se trata só do rendimento e da quinta; trata-se, sobretudo, de ensinar estes nossos rapazes. O êxodo para a cidade é miragem. Muito mais salutar é o trabalho rural.

LEVADO por este pensamento, fui, há dias, por aí abaixo até à capital. Indaguei e soube que na rua X, o senhor X dar-me-ia todas as informações a este respeito; e assim aconteceu. Os meus passos não foram perdidos. Na verdade, dois senhores amigos da Obra estiveram aqui a fornecer impressos e a dizer como me havia de dirigir à Grémio da Lavoura, fazer a hipoteca e levantar empréstimo, tudo como vem no decreto número tantos de tal. Sim. Muito grato aos senhores engenheiros que tão depressa atenderam. É tudo quanto eles podiam fazer e de muito boa vontade o fizeram. A lei é geral. É para todos quantos têm vantagem nela. Não prevê casos particulares, mas o meu é um caso particular. Por isso, guardei os impressos até me ser possível, por vias mais planas, conseguir o que desejo. Não poderia nunca hipotecar a ninguém uma coisa que não me pertence. Encontro-me, pois, em vésperas de nova ida a Lisboa a ver se bebo noutra fonte. Fonte limpa. Nem impressos, nem hipotecas, nem nada. Uma casa-agrícola e tudo quanto lhe pertence.

OS nossos rapazes já descobriram a minha vida. Sabem os meus segredos. Há dias, estava eu muito triste no meu quarto de trabalhar. Amadeu «Elvas» chega do Porto, senta-se numa cadeira, olha para mim e quer saber o que é que eu tenho.

— Diga lá o que é que tem?

Mudei de conversa para me não trair, mas o semblante, esse, continuava na mesma. O rapaz decide:

— Já sei. É dinheiro. Não tem dinheiro. Vá aos ministros.

E eu assim tenho feito. Vou aos ministros. A nossa Obra de Assistência é uma coisa nova. Não tem par, por enquanto. Nós estamos estabelecidos e verdadeiramente somos uma Família para os sem-família. Compreendemos e aceitamos o que o Povo ensina: «Filhos criados, trabalhos dobrados». Queremos esses trabalhos. Eles são parte necessária e integrante da Obra da Rua.

SABE-SE que é muito mais fácil mandar embora aos tantos anos de idade. Mais fácil e mais cómodo. De resto, é consoante a letra do decreto ou do estatuto. Vem lá assim. Está na massa do sangue de todos os portugueses este conceito de assistência. «Em que idade os mandam embora?» Esta é a pergunta de todos quantos nos visitam! É um dogma. Dá pena! Todo o pai de família que não aceita os trabalhos dobrados dos filhos criados não compreende a sua missão. É um traidor. E daqui nasce que a gente não manda ninguém embora. Transferimos. Procedemos a uma transferência de lar para lar.

D. Amín. 5.!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

Moçambique

A tragédia

A PÓS a tragédia que se abateu sobre o Povo de Chagalane, foi preciso, como poderia dizer-se, se aqui houvesse, arregaçar as mangas. Fazer o levantamento exaustivo dos prejuízos, recuperáveis de urgência, para abrigar minimamente as famílias, distribuir alimento a quem ficou com ele estragado, organizar equipas de carpinteiros para a colocação de novas telhas e de pedreiros para as reparações de paredes e guarda-fogos que garantam a segurança dos telhados.

O chefe do Posto Administrativo foi de uma abnegação invulgar, comparada com outros titulares do poder que somente se fizeram representar na distribuição da comida, ou o Instituto das Calamidades que trouxe cento e cinquenta chapas de zinco, mais quarenta e cinco de fibrocimento para a Escola e disponibilizou um transporte para as estacas e capim

de palhotas. Ele acompanhou, de casa em casa, o levantamento das necessidades, organizou o seu Povo para a distribuição dos géneros, dos materiais de construção, para evitar oportunistas. Fê-los participar nos trabalhos, levando as chapas e os materiais para suas próprias casas. Fez um trabalho comunitário exemplar.

Passado um mês, só resta aos pedreiros concluir os guarda-fogos e mais um ou outro pormenor de reboco danificado. Porém, tudo quanto se refere à nossa Casa Agrária ainda está por fazer. Arranjámo-nos como podemos em espaços que não foram tocados e, agora, vamos ao que é nosso, embora para o serviço da Comunidade...

Mas o mais importante, na solução tão rápida como pôde acontecer se envolveu um preço avultado em alimentação, materiais e salários? Foi a Cooperação Espanhola que logo alertada agilizou tudo.

Estava o Senhor Embaixador e o Director da Cooperação de férias em Espanha. Mas o seu Adjunto, Senhor Jaime, veio de pronto fazer a sua própria avaliação. Telefone-mas para Espanha e logo a autorização para um montante de cento e quarenta mil euros. Sem protocolos, nem orçamentos sabendo que nós procuramos o melhor fornecedor e que nos faz maiores descontos.

Numa situação tão trágica para aquele Povo que passado um mês sobre uma tempestade tão terrível vê agora os milhos que entretanto estavam a nascer estiolados pela seca, pois não voltou a cair chuva, que havemos de dizer? Cantar um hino à natureza impossível. Dar graças a Deus nem apetece. Mas olhar para trás e observar como despertou a boa vontade e se estabeleceram laços tão fortes de Espanha para cá, não é mero acaso ou simples filantropia. Há realmente assim o creio uma Vontade forte a guiar as pessoas que não perderam tempo para acudir. Há certamente a mão de Deus por detrás. Só tive pena que o Senhor Bispo, naquela hora em Roma não pudesse marcar a Sua presença.

Padre José Maria

Benguela

Filhos criados trabalhos dobrados

SUBI o morro, mais uma vez, ao fim da tarde de Domingo. Três mães estavam à minha espera, todo o dia. Admiro a paciência do povo, como força mobilizadora da nossa vida para o servir. Levantaram as paredes das casas com material tão provisório que não resistem às chuvas sem a cobertura. Fui vê-las para saber a quantidade de chapas a gastar.

Custa-me muito dar estes passos, porque me sinto impotente para aliviar o sofrimento de tanta gente que espera a nossa passagem para nos abrir a porta da miséria em que vive sepultada. Por outro lado, experimento a felicidade de não cruzar os braços diante do muito que há por fazer! Quem dera que cada pessoa fizesse pelos outros o que pode fazer! Não importa o muito ou o pouco. Dar a mão é o gesto duma pessoa feliz. É preciso abrir o coração, sem medo, para partilhar com os outros não só o que não nos faz falta, mas a grandeza e beleza do gesto da viúva do Evangelho. Não é uma linguagem por cima das nuvens, mas a única capaz de dar uma volta completa à nossa vida e à do mundo que nos rodeia. Queremos ir nesta linha, juntamente convosco que vos afligis com a história desumana em que nos vemos mergulhados.

A esperança é a fonte donde sai a água cristalina da confiança e da segurança no caminho que temos à nossa frente. É uma estrada dura e dolorosa, construída com a pobreza extrema e a miséria, também, do povo, nosso irmão, que quer caminhar para a frente. As chapas para cobrir as casas já estão no seu lugar, quando vossos olhos poisarem nestas notas.

Nunca é trabalho perdido, quando o fazemos por amor. A elevação humana é um serviço lento. Só quem fixa os olhos num ideal rico de valores humanos ganha força para não desanimar. Com que alegria recebi a notícia do plano de urbanização simples, mas eficaz. A efectuar pelas autoridades públicas, para uma parcela de terreno, cedida gratuitamente, a um grupo numeroso de rapazes nossos para a construção das suas casas!? Serão habitações melhoradas. Pobres, sem dúvida, mas dignas. É uma vela, cheia de luz, colocada sobre o alqueire para alumiar a todos os que estão em volta e os que entram. É um trabalho de raiz, também.

As maravilhas do ordinário da vida só encantam e apaixonam quem as vive. Quem ama o quotidiano é capaz de parar, admirar os sinais de promoção humana que vão surgindo no meio da real anarquia instalada há muitos anos. Refiro-me, em particular, às habitações construídas nos bairros. Por isso, nossa vida tem sido, em alguns dias, um vai e vem constante à procura de empregos para os filhos que temos em nossa Casa. É a grande preocupação dos filhos e dos pais que têm filhos criados. São os trabalhos dobrados. Uma empresa brasileira, instalada há pouco tempo, perto de Benguela, deixou meu coração cheio de esperança. Aguardamos um pouco mais. Outras, de igual modo, não me fecharam as portas. Queremos sempre o melhor para o futuro destes filhos que aguardam a hora de experimentar o mundo do trabalho fora da Casa que os criou, para construírem o seu mundo com a autonomia do cidadão normal.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

O Mundo não acredita na inenarrável riqueza da Pobreza Evangélica; não acredita!

PAI AMÉRICO



Património dos Pobres

É uma alegria com sabor especial entregar uma nova casa a uma família numerosa que nunca havia tido casa. Mais, ainda, quando ela é fruto de amor, renúncia e tenacidade, num conjunto admirável de boas vontades!...

Foi na Sexta-Feira Santa, à hora mais sagrada do dia — três da tarde!...

Apanhámos os primeiros frutos da morte do Senhor!... A misericórdia e a dor dos Pobres têm a sua nascente na Cruz, onde Ele continua a ser pregado no abandono de tantos irmãos.

Aquela família, de dez filhos, de que algumas vezes falei n'O GAIATO, pode, agora, viver na sua casa, dormir em camas dignas, limpas e arejadas, fazer comida e comer em espaçosa e bem organizada cozinha, lavar-se ou servir-se em duas casas de banho, receber as suas visitas ou reunir-se em convívio familiar na grande sala.

A construção corresponde a todas as exigências da técnica, da economia e do conforto; em conceito modesto, para que as pessoas se possam sentir bem e estimuladas a crescer na vida, com dignidade e honra.

O terreno para implantação da moradia, com um pequeno quintal para horta e largueza, foi dádiva de uma conterrânea, a qual se viu, ainda, «obrigada» a ceder mais quatro metros, em toda a frente da casa, para responder a infundadas reclamações de outros que, a todo o custo, pretendiam impedir o alojamento dos Pobres, naquele sítio.

Sim, valeu-nos, outra vez, esta sacrificada viúva. De outro modo, teríamos ido ao Tribunal e esperar mais meia dúzia de anos pela nossa razão, enquanto os desgraçados continuariam a gemer, sem que os tais se importassem. Graças a Deus ganhou a misericórdia!... Aliás, é a única que ganha sempre!...

Estiveram connosco alguns vicentinos, vários amigos, o representante do Pároco, o Presidente da Junta de Freguesia de Cête — antigo Gaiato — o Presidente, um Vereador e mais pessoas da Câmara de

Paredes, numa atitude carinhosa, demonstrada, logo, desde o início da apresentação da ideia, ao fornecimento do Projecto e dos cálculos, até à passagem, rápida, das burocracias legais; enfim, ao longo de todo o percurso.

Contámos sempre com o apoio das entidades autárquicas e gostámos de as ver representadas pelo topo das suas personalidades.

No uso da palavra, manifestei a minha mais que evidente alegria e gratidão a Deus por ter congregado tantas boas acções num resultado bonito, como estimei as pessoas responsáveis, cuja resposta não podia ter sido melhor, nem mais gratificante, pela convicção do Presidente da Câmara de Paredes. **Esta é a forma exemplar de resolver os problemas habitacionais dos Pobres...** Sem os deslocar, mantendo-os na mesma aldeia, com a mesma vizinhança e a envolvimento da população!

E o Presidente animou-se e... deu a sua palavra de honra que, espontaneamente, aplaudi com toda a alma: — **Jamais no seu mandato se juntarão os Pobres em edifícios ou bairros, para resolver o problema da sua habitação!...**

Só por esta conclusão que o *Património dos Pobres* grita, desde o seu Fundador, valeu a pena termos acendido esta luz!... Com a magnífica moradia.

Que este Presidente leve a sua convicção a todos os colegas do País e a todos os que têm influência nesta matéria, e brade com a mesma e a mesma revolta: — **Não juntamos só os Pobres... mas... igualmente... todos os seus problemas.**

Diante dos contrastes evidentes, com o amontoado dos problemas em tantos bairros, por todo o Portugal não admira que os homens abram os olhos para aquele princípio que nasce do amor e ilumina a Obra da Rua.

Atenção, que estas iniciativas partem da **Caridade Cristã** e não de técnicas sociológicas.

Padre Acílio

No caminho de Emaús

Continuação da página 1

onde se encontra o Francisco que começou na Segunda-Feira da Páscoa o seu estágio profissional.

Tinham-nos avisado que já faltara dia e meio sem qualquer explicação razoável. O dono da empresa gostou logo dele pelo seu desempenho profissional, prometendo-nos que no fim do estágio, se ele quisesse poderia

ficar com emprego. Ficou triste e nós preocupados... As voltas que já demos, só Deus sabe... e o Rapaz, também! As estratégias não têm conta. Disse-lhe que assim, não! Que poderia destruir-se a si e ao seu futuro. Já estamos habituados à resposta das lágrimas e da comoção como a única à nossa interpelação. Vimos, na cara dele, vontade de melhorar; de recomeçar novo caminho.

Em Miranda, finalmente, almoçámos em casa dos pais da Marta, os futuros sogros do Ricardo («Dino»). Estamos nas vésperas do seu casamento. Ansiedade e alegria; também a necessidade de partilhar sentimentos. Ele veio da zona de Alenquer, tinha oito anos. Fomos tão mal recebidos, então, pelo seu padrasto, nós e a assistente social que nos acompanhava — uma mulher habituado a lidar

com os Pobres fora de horário de expediente e nos lugares onde vivem os seus dramas; em suma, a tratá-los pelo nome próprio. Já lá vai tempo, meu Deus, em que nos eram confiadas crianças daquela região, com absoluta confiança e consideração. O nosso Ricardo é um fruto amadurecido disso mesmo, cremos.

Pois o Ricardo vai casar no próximo sábado. Antes fomos ver a sua casinha que ele e o Francisco, antigo Gaiato, seu futuro sogro, recuperaram nas horas vagas, apesar do Ricardo ser mecânico-auto e não construtor...

Almoçámos, conversámos e preparámos a celebração. No fim, houve tempo ainda para apreciar as alianças do casamento. Quis que eu visse o seu foto de casamento e perguntou o que é que eu achava... Bem, claro!

Não precisava de mais nenhum sinal para perceber que também nós estávamos de regresso no caminho de Emaús. Porque o Senhor, por estes sinais de dor e de amor, nos fazia perceber a actualidade da Sua Páscoa Redentora.

Padre João